

A COEXISTÊNCIA ENTRE REALISMO E MITOLOGIA EM *LE CHERCHEUR D'OR*

Marília Alves CORRÊA

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”
maalvescorrea@yahoo.com.br

Resumo: Este trabalho procura promover uma ligação entre as teorias acerca do gênero “realismo”, abordadas por Tânia Pellegrini com o romance *Le chercheur d'or*, de Jean-Marie Gustave Le Clézio. Ao ligar a narrativa às teorias, perceberemos que a realidade referencial evocada pelo autor revela a desagregação do homem moderno, fazendo com que utilizemos as reflexões de Cláudio Magris sobre as possibilidades de se transgredir a atual situação fragmentária em que o homem se encontra através da mitologia. Para isso, consideraremos as relações entre realidade e ficção, colocadas por Catherine Gallagher.

Palavras-chave: Realismo; mitologia; ficção; Le Clézio; modernidade.

Ao propor uma narrativa que se comunica com a mitologia e as lendas, Jean-Marie Gustave Le Clézio busca, através da mistura étnico-cultural de sua obra, propor um interculturalismo que, acima de tudo, tenta suprir ou ao menos minimizar as desigualdades e preconceitos impostos pela modernidade capitalista. Para isso, o escritor procurará acoplar à diversidade mitológica e lendária de *Le chercheur d'or* (1985) traços e eventos da realidade, a fim de tornar a narrativa um emaranhado de acontecimentos reais e lendários que se misturam de maneira homogênea apesar da heterogeneidade étnica e cultural exposta no romance.

Assim, podemos considerar *Le chercheur d'or* uma obra extremamente plurivalente, uma vez que ressalta a magia e a mitologia enfatizando a existência de um universo movido pelas sensações ao mesmo tempo em que comunica esse mundo lendário com acontecimentos documentados que fazem referência ao mundo real. Além disso, a mistura cultural almejada por Le Clézio, retratada pela riqueza e diversidade mitológica da obra, torna a narrativa heterogênea pelo modo como o autor consegue conectá-los de forma que um seja complemento do outro. Tal hipertextualidade incita a imaginação do leitor, aguçando, inclusive, seu senso crítico sobre temas ainda contemporâneos, como colonização, exploração, racismo, opressão, etc.

A fim de evidenciar estes aspectos da realidade moderna, o autor procurará mostrar, em um primeiro momento, como as relações hegemônicas resultantes do capitalismo afetam aqueles que são diretamente vitimizados por elas, mas, no decorrer da narrativa, entendemos que a reflexão de Le Clézio passa a abranger a humanidade como um todo, pois, para ele, todos nós somos vítimas de um sistema inescrupuloso que mortifica as relações humanas e faz do homem o ser da fragmentação, da desagregação :

Ferdinand sait où il va. Son père est très riche, il l'a emmené dans toutes les propriétés. [...] C'est interdit d'entrer sur les 'chassés', mon père serair très en colère s'il savait que nous allons dans les propriétés. Il dit que c'est très dangereux, qu'il peut y avoir des chasseurs, qu'on peut tomber dans une fosse, mais je crois que c'est surtout parce qu'il n'aime pas les gens des grands domaines. (LE CLÉZIO, 1985, p.18-19)

Ademais, o consumismo, o apego aos bens materiais e o desejo pelo poder são mostrados como principais motivos da “coisificação” do homem (ASSUNÇÃO, 2012) e, para que este

homem moderno encontre novamente sua verdadeira essência e plenitude, ele deve revalorizar o primitivismo, a natureza.

É a partir dessa ideologia lecléziana, evidenciada em *Le chercheur d'or*, que estabeleceremos uma ponte entre os fatos reais representados na obra e os aspectos mitológicos e lendários explorados pelo autor, já que, na narrativa, a realidade e a magia funcionam numa relação de causa e consequência, em que a solução para a incompletude do homem moderno estaria nos ideais mítico-lendários. Entretanto, será preciso esclarecer as definições de realismo que pretendemos relacionar com a obra, pois o termo mostra-se, desde o momento de sua criação, “escorregadio e um tanto impreciso” (PELLEGRINI, 2007, p.137).

Aqui, tentaremos mostrar um realismo que não tem como prioridade representar a realidade fielmente, assim como a história o faz, mas trazê-la à tona de maneira inovadora uma vez que a associaremos a elementos que não fazem parte dela. Desse modo, o conceito de realismo será visto, em nossa análise, como

[...] *uma forma particular de captar a relação entre os indivíduos e a sociedade* que ultrapassa a noção de um simples processo de registro, dependendo, para sua plena elaboração, da descoberta de novas formas de percepção e representação artísticas, ocorridas ao longo do tempo [...]. (PELLEGRINI, 2007, p.138).

Nesse caso, ao aproveitar-se da estética realista como um modo de representar os malefícios que o padrão de vida moderno causam ao homem, Le Clézio, em *Le chercheur d'or*, busca enfrentar as forças sociais trazendo para o centro de sua temática literária um protagonista europeu (francês), ou seja, de origem hegemônica, mas que vive com sua família à margem da sociedade e que, além disso, cresceu em um ambiente miscigenado, sendo influenciado pelas culturas indiana e africana e aprendendo, desde cedo, a lidar com as diferenças: “*J’aime Denis, il est mon ami. Mon cousin Ferdinand dit que ce n’est pas un ami, puisqu’il est noir, qu’il est le petit-fils de Cook. Mais cela m’est égal. Ferdinand dit cela parce qu’il est jaloux, lui aussi il voudrait marches dans les cannes avec Denis, jusqu’à la mer.*” (LE CLÉZIO, 1985, p.15). Assim, podemos entender que o realismo aqui evidenciado segue a definição de Auerbach (1976), de acordo com Tânia Pellegrini, pois se trata de uma estética que valoriza o marginalizado, o excluído:

[...] o ‘realismo moderno’ vem a ser o tratamento sério da realidade cotidiana, a ascensão de camadas humanas mais largas e socialmente inferiores à posição de objetos de representação problemático existencial, por um lado – e, pelo outro, a estreita vinculação de personagens e acontecimentos cotidianos quaisquer ao decurso geral da história contemporânea. (AUERBACH apud PELLEGRINI, 2007, p.144).

Com isso, compreendemos que a narrativa em questão corresponde à necessidade de se representar tanto as relações humanas quanto às relações do sujeito com a sociedade e até mesmo do próprio sujeito com ele mesmo, já que estas se mostram extremamente conturbadas e fragmentárias. Desse modo, Le Clézio propõe ao leitor uma reflexão acerca da realidade por meio de Alexis, um menino comum, que vive em um ambiente natural cercado de simplicidade (Boucan, Ilha Maurício), mas que, ao ter seu paraíso destruído por um ciclone, precisa mudar-se para um ambiente urbanizado, desigual e violento, completamente antagônico àquele em que vivia (Forest Side):

Les années ont passé ainsi, dans un isolement peut-être encore plus grand que jadis au Boucan, car la vie, dans le froid du Collège et de ses dortoirs, était triste et humiliante. Il y avait la promiscuité des autres élèves, leur odeur, leur contact, leurs plaisanteries souvent obscènes, leur goût pour les mots orduriers et leur obsession du sexe, tout ce que je n'avais pas connu jusqu'alors et qui avait commencé lorsque nous avons été chassés du Boucan. (LE CLÉZIO, 1985, p.106)

Ao conviver com essa realidade, Alexis passa a enxergar a vida de uma nova maneira e surge nele a necessidade de buscar por algo melhor, algo que ele considera ser o “ouro” e que lhe trará novamente a plenitude de outrora, já que o jogo de interesses imperialista e capitalista das metrópoles fez com que indivíduo e sociedade se opusessem. É, também, a partir desse pressuposto que fixamos um elo entre a teoria de Tânia Pellegrini e *Le chercheur d'or*, pois “[...] o romance [...] exprime, da forma mais compreensível e profunda, o problema cultural do período: a antítese entre o indivíduo e a sociedade; não é mais possível caracterizar um personagem sem atender à sociedade, bem como admitir sua evolução fora de um meio social específico.” (PELLEGRINI, 2007, p.145).

Ainda sobre as questões do gênero abordadas pela autora, podemos mencionar o fato de, cada vez mais, o sujeito estar em um período de redefinição, fazendo com que, mesmo em literaturas de cunho “realista” haja uma predileção pelas emoções e sentimentos, recuperando a sensibilidade do ser humano. Ao propor a necessidade de se recriar o vínculo entre o homem e o cosmos, Le Clézio explora o lado poético e sensitivo da narrativa, pois é através do contato com a natureza e com os bons sentimentos que Alexis consegue alcançar a plenitude supostamente almejada por toda humanidade:

Tandis que j'avance dans l'ombre sous le ciel encore très clair, la forêt s'ouvre devant moi, sans limites. Autour de moi, sont les ébènes aux troncs lisses, les térébinthes, les colophanes, les figuiers sauvages, les sycomores. Mes pieds s'enfoncent dans le tapis de feuilles, je sens l'odeur fade de la terre, l'humidité du ciel. Je remonte le lit d'un torrent. En passant je cueille des brèdes songe, des goyaves rouges, des pistaches marron. Je ressens l'ivresse de cette liberté. N'est ce pas ici que je devais venir, depuis toujours? (LE CLÉZIO, 1985, p.363)

Nesse sentido, podemos inserir *Le chercheur d'or* dentro do conceito de realismo, uma vez que trata de temas sócio-históricos correspondentes com a realidade; entretanto, é preciso ressaltar que, na obra, Le Clézio utiliza-se do realismo de uma maneira inovadora e peculiar, fazendo de seu romance um exemplo de realismo “[...] como recurso narrativo rico e renovável, necessário à expressão de uma singularidade social e cultural de bases próprias [...]” (PELLEGRINI, 2007, p.153).

A proposta de Pellegrini é mostrar o realismo como uma estética literária reconfigurada e que a produção contemporânea o mantém vivo e atuante, mesmo que sob uma nova roupagem através de inovações como as apresentadas por Le Clézio, por exemplo. Apesar desse novo viés “realista” explorado por Le Clézio, o que nos faz inserir *Le chercheur d'or* dentro da perspectiva da estética do realismo é, também, sua definição de origem, ou seja, “qualquer representação artística que se põe a ‘reproduzir’ o mundo concreto e suas figuras” (PELLEGRINI, 2009, p.13), uma vez que o romance traz fatos da história oficial como a Primeira Guerra Mundial e a colonização dos países da África e da Ásia. Ademais, a narrativa corresponde a um contexto histórico-social em que a literatura traz para o centro de sua temática o cotidiano e a ideologia daquele que não tem prestígio social, pois, como já

dito, o protagonista Alexis, apesar de europeu, tangencia o círculo vicioso que se tornou o sistema capitalista cujo principal objetivo é manter o lucro em detrimento dos elementos étnico-culturais dos países colonizados.

Contudo, o que torna o romance lecléziano e a teoria de Pellegrini pertinentemente conectados é o novo conceito que a autora dá à estética realista e que podemos aplicar à obra em questão: o conceito de realismo como “refração da realidade” (PELLEGRINI, 2009, p.13) e não uma cópia dela. Para explicitar sua teoria, Pellegrini (2009, p. 14) mostrará o realismo como a “representação necessária de uma nova realidade”, realidade esta em que o destino e a vida dos indivíduos são vistos como resultado de forças reais que não podem ser transcendidas, como o meio, a hereditariedade e a própria história. Nesse sentido, podemos ver *Le chercheur d’or* como um modelo representativo dessa nova realidade, já que tanto Alexis quanto os povos africanos e indianos são vítimas de sua própria condição de colonizados, culturalmente marginalizados ou de excluídos do processo de industrialização. A “nova realidade” que Le Clézio pretende mostrar, portanto, passa a ser a do desenvolvimento do capitalismo observado a partir do início do século XX que promove a anulação do homem como ser detentor de alma e sentimentos, os quais são ignorados pelo excesso de materialismo inerente à modernidade tornando o ser humano fragmentado:

J’arrivais chaque matin par le train avec la foule des saute-ruisseau, et des commerçants chinois et indiens qui venaient faire leurs affaires. Des wagons de première classe sortaient les gens importants, les homes d’affaires, les avocats, vêtus de leurs costumes sombres, portant canne et chapeau.[...] Mes collègues allaient manger ensemble chez un Chinois de la rue Royale, mais moi, par économie, et aussi par goût de la solitude, je me contentais de grignoter quelques gâteaux-piment devant la boutique du Chinois.[...]. (LE CLÉZIO, 1985, p.114).

É a partir da valorização de determinadas culturas (indiana e africana, especificamente) abordadas no romance que compreendemos que o escritor não pretende fazer de *Le chercheur d’or* um texto narrativo em que o real seja exatamente reproduzido, principalmente porque, aqui, Le Clézio insere, mesmo que sutilmente, sua perspectiva acerca da realidade e essa parcialidade faz com que haja deformações do que, de fato, existe. Misturando fatos da realidade e da ficção (como a participação de Alexis na Primeira Guerra Mundial, por exemplo), notamos que a narrativa não tem como função copiar o real, mas “fazer crer que remete a uma realidade verificável” (PELLEGRINI, 2009, p.16) uma vez que se refere a um momento histórico documentalmente comprovável.

Assim, o realismo em *Le chercheur d’or* toma como ponto de “inspiração” a relação entre o indivíduo e a sociedade, caracterizando-se pela atemporalidade, pois passa a ser uma “interpretação estética do mundo, em qualquer época” (PELLEGRINI, 2009, p.18), mas que não se reduz a um indivíduo específico e sim a um grupo de pessoas. Ao falar da busca iniciática de Alexis pelo “ouro”, a narrativa não tem a intenção de enfatizar apenas a classe excluída do processo de capitalização, mas sim de mostrar como este processo afetou maleficamente a humanidade em geral, mesmo que alguns acreditem que estejam sendo beneficiados por ele. Por isso, o romance adquire um caráter que não se restringe ao domínio do tempo, já que a desagregação e fragmentação humana é um assunto que transcende as épocas, independente do objeto usado para que o tema seja tratado. Com isso, podemos entender, a partir da perspectiva de Ian Watt¹, que o ponto de vista, ou seja, a maneira pela qual o realismo é representado é tão relevante quanto o próprio objeto representado: “Visto também por esse ângulo, o realismo pode ser tomado como uma **postura** geral e um **método**

¹ Em *A ascensão do romance* (1991).

específico, aplicável a qualquer época, na medida em que é historicamente transformável. Tal postura sempre teve um forte componente **moral**, quando não político; [...]” (PELLEGRINI, 2009, p.19).

Nesses termos, o realismo passa a adquirir um sentido trans-histórico que mostra sua importância através da representação das formas sociais e culturais de cada povo e de cada época, determinando os modos de percepção e compreensão do mundo social. Ao trazer, por meio do reprimido e excluído, as discussões acerca do lugar do homem no mundo moderno e contemporâneo, Le Clézio busca cativar o leitor promovendo uma relação intrínseca entre história e sociedade, cujo objetivo é incitar a reflexão do público por meio do processo de representação. Assim, estabelece-se o conceito de “refração” proposto por Tânia Pellegrini, pois, nesse caso, o conteúdo original das realidades sociais é modificado, envolvendo questões políticas e ideológicas, fazendo com que a utilização de referenciais pertencentes ao mundo real seja um processo que faça parte da realidade e não apenas seja uma projeção dela. O fato de Le Clézio utilizar-se de fatos históricos para expor sua ideologia passa a ser, portanto, algo que o leitor consiga adicionar à sua realidade, ou seja, não se torna apenas a documentação das consequências da colonização ou da Primeira Guerra Mundial, mas uma reflexão acerca do que esses acontecimentos causaram à humanidade como um todo.

A **refração**, portanto, reside ao mesmo tempo no sujeito e no objeto e não em alguma coisa **entre** o objeto e aquilo a que é levado. Assim, trata-se de um processo intrínseco à realidade social, e não um processo a ela acrescentado como projeção, disfarce ou interpretação, o que permite analisar cada produto cultural sempre como constitutivo das relações sociais. (PELLEGRINI, 2009, p.22).

A ideia de refração consegue, portanto, abranger a multiplicidade da realidade, que se mostra cada vez mais ampla e contraditória.

Por isso, houve, segundo Huysmans², a necessidade de se encontrar um novo caminho em que a literatura trouxesse a veracidade do documento acoplada ao mergulho na alma, formando uma vertente que, apesar dos aspectos referentes à realidade, levasse em consideração a espiritualidade e o mistério, os quais não podem ser captados através dos sentidos. Devemos ressaltar que, desse modo, a objetividade genuína, característica do “realismo mimético” fica comprometida, até porque o intuito das produções literárias contemporâneas e, inclusive, de *Le chercheur d’or*, é renunciar ao que Pellegrini chama de “mundo hostil”.

O resultado de toda essa inovação literária e, principalmente, da estética realista é a “crise da representação”, já que surgiu nos escritores contemporâneos a necessidade de se recriar os métodos narrativos e expressivos de outrora a fim de evidenciar lacunas na própria representação para que elas reflitam o estado fragmentário do homem moderno e contemporâneo:

Enquanto o realismo, de modo geral, determina racionalmente o sentido da representação, definindo os códigos de leitura e de apreciação, sem dissipar a ilusão da transparência – a verdade da “mentira” –, as novas tentativas expressivas remetem às falhas, às fissuras da representação – às fissuras da própria realidade social [...]. (PELLEGRINI, 2009, p.26-27)

² Joris Karl Huysmans (1848-1907), escritor e crítico de arte.

Assim, *Le chercheur d'or* busca trazer à tona esse sujeito destituído de certezas que o realismo contemporâneo quer ressaltar: um indivíduo conturbado pelas novas formas de poder e exploração e que se vê perdido e só em um mundo onde a tecnologia e a mercadoria reinam: “*Casimir me parle de l'armée, des navires de guerre ou il espere qu'on le prendra, pauvre bon gèant! Il parle déjà des combats qu'il va livrer dans ces pays qu'il ne connaît pas, contre un ennemi dont il ignore le nom.*” (LE CLÉZIO, 1985, p.264).

A principal inovação de Le Clézio é, portanto, fazer do realismo explorado em sua obra um “modo de compreensão estética do mundo social” (PELLEGRINI, 2009, p.33) ao mesmo tempo em que traz, como veremos adiante, elementos do mundo mítico e lendário como uma possibilidade de libertação dessa incompletude que cerca o ser humano. Com isso, a estética realista volta como uma forma de representar as atuais relações entre o indivíduo e a sociedade que o cerca, mostrando as consequências maléficas que a modernidade trouxe ao homem: violência, choque, trauma, etc.

Até então, concebemos a literatura contemporânea e, mais especificamente, *Le chercheur d'or* como narrativas que buscam, através da referência ao mundo real, mostrar a condição de desagregação do homem a partir da guinada tecnológica e capitalista do início do século XX. Entretanto, o objetivo destas reflexões é evidenciar, principalmente, como Le Clézio destaca tal fragmentação e o que faz de sua obra algo tão pioneiro e inovador que lhe rendeu o Prêmio Nobel de 2008. Para isso, partiremos do pressuposto da definição de romance de Cláudio Magris (2009) e de seus questionamentos acerca da possibilidade do romance na contemporaneidade.

Surgindo no contexto histórico do final do século XVIII, ou seja, nos confins da Revolução Francesa, o gênero romance apresenta como principal característica a marca de uma burguesia insatisfeita com as relações de poder e disposta a fazer da literatura o meio de expressão para manifestar seu descontentamento. Assim, o romance passa a ser a “expressão daquela modernidade radical, daquele mundo moderno que ele celebrava como progresso e como afirmação do espírito – a história como história da liberdade, o liberalismo libertado de dogmatismos políticos e religiosos e assim por diante [...]” (MAGRIS, 2009, p.1016). Desse modo, podemos entender o romance como algo intrínseco ao mundo moderno, já que foi uma consequência da desilusão e da ausência de idealismo provocada por ele. Até então, o herói literário era aquele que se sentia em plena harmonia com o mundo e com a sociedade, enxergando a vida como algo essencialmente sólido (unidade épica); entretanto, a partir do momento em que a ideia de trabalho e lucro invade os ideais sociais da época, o homem se vê obrigado a renunciar ao desenvolvimento e bem estar de seu lado espiritual em prol “de um aumento unilateral de sua capacidade de especialização profissional.” (MAGRIS, 2009, p.1017).

Diante de toda essa dinâmica imposta pelo mundo moderno, o próprio homem passou a ver todos os seus conceitos, seus ideais, adquirirem uma mutabilidade essencialmente desagregadora, fazendo, portanto, do romance o gênero literário responsável por expressar essa transformação:

[...] o romance é o gênero literário que representa o indivíduo na “prosa do mundo”; o sujeito sente-se inicialmente estrangeiro na vida, cindido entre sua nostálgica interioridade e uma realidade exterior indiferente e desvinculada. O romance é com frequência a história de um indivíduo que busca um sentido que não há, é a odisseia de uma desilusão. (MAGRIS, 2009, p.1018)

O objetivo dessa literatura moderna passa a ser, portanto, comprovar a vida fragmentária e desagregada do homem moderno, burguês, trabalhador e dividido, que se vê em um eterno conflito com a sociedade a que pertence e até consigo mesmo, eliminando qualquer possibilidade de totalidade.

Além disso, a inegável relação entre progresso e violência intensifica a sensação angustiante de caos e desordem mundial, aumentando a necessidade de competição na busca pelo poder, pois, nesse contexto, o homem vê no dinheiro e nos bens de consumo a solução dos seus problemas e, ao fracassar, o descontentamento e a desilusão reaparecem de maneira mais evidente. A temática de *Le chercheur d'or*, aqui, torna-se inerente ao próprio conceito de romance como gênero, pois Le Clézio utiliza-se da motivação da estética romanesca como metalinguagem, uma vez que o escritor traz esse contexto histórico para a obra como um *leitmotiv* para que o narrador Alexis, vítima de todo esse progresso tecnológico e econômico, inicie sua busca pelo que ele considera a verdadeira essência e identidade do homem, fazendo do “ouro” encontrado por ele a possível solução para a desconexão do ser humano com sua espiritualidade:

C'est à Mananava que je pense, à présent, le dernier endroit qui me reste. C'est en moi depuis si longtemps, depuis les jours où nous marchions, Denis et moi, jusqu'à l'entrée des gorges. Souvent, tandis que je vais à cheval le long de chemins de cannes, je regarde vers le sud e j'imagine les cachettes, à la source des rivières. Je sais que c'est là que je dois aller, enfin. (LE CLÉZIO, 1985, p.347).

Assim, as questões sobre a importância do dinheiro e do materialismo são trazidas para a narrativa a fim de discutir-se até que ponto o sistema capitalista beneficiou o indivíduo e a sociedade como um todo, fazendo do romance uma retomada e uma reflexão sobre a motivação da criação do romance como gênero:

[...] a nova qualidade do dinheiro [...] que transforma a existência, elimina fronteiras e ergue outras, rompe e forja grilhões. O dinheiro parece escorrer como sangue nas veias, até confundir-se com a vida, com as pulsões do indivíduo liberto da tradição e entregue ao mundo, que o eleva ou avilta. (MAGRIS, 2009, p.1021).

Nesse sentido, o que a teoria de Magris discute é que a transformação da sociedade implicaria uma falta de sustentação do romance, já que, em sua essência, é um gênero cujo intuito seria a representação da sociedade burguesa e moderna, de maneira geral. Por isso, ele pontua que a produção literária recente está descolada da observação moderna e que o romance precisa, portanto, encontrar uma nova forma que represente a desagregação, a dissolução da atual realidade. Uma das propostas do teórico é um retorno ao modelo mítico da narrativa, o que apaziguaria essa desagregação, como é feito, por exemplo, em *Le chercheur d'or*: “[...] o fim objetivo que transcende o indivíduo não é a mediação social das relações de trabalho, tampouco é a negação subversiva, irônico-vanguardista, dessas relações, mas é um sentido mítico-religioso da unidade da vida, a confiança em um universal que une o múltiplo.” (MAGRIS, 2009, p.1024). O herói Alexis é, no romance, representante do homem genérico, ou seja, aquele que vive para buscar respostas para suas perguntas a fim de atingir o êxtase da vida. No caso dele, o que lhe aflige é a procura de explicações para aquela realidade que lhe foi imposta depois que foi exilado de seu paraíso da infância (Boucan, Ilha Maurício), o que motivou sua busca iniciática por uma vida mais plena e realizada: “*Serais-je obligé de travailler un jour comme gunny, de charger les faisceaux de Cannes sur les chars à boeufs,*

pour les enfourner dans la gueule du moulin, chaque jour de ma vie, sans espoir, sans liberté?” (LE CLÉZIO, 1985, p.113).

A partir de então, a presença dos mitos e lendas na narrativa passa a ser indispensável, já que eles têm como uma das funções esclarecer as dúvidas mais existenciais inerentes à raça humana. No caso de *Le chercheur d'or*, os mitos mais revisitados são aqueles que pretendem fazer com que o homem volte às suas origens para saciar seus questionamentos e alcançar, novamente, a plenitude que a contemporaneidade lhe tirou. O mito de Robinson Crusoé, de Daniel Defoe (1719), aparece constantemente no decorrer da narrativa, buscando evidenciar e revalorizar o primitivismo e as relações humanas de outrora. *A priori*, o protagonista evocará o mito através de Denis, seu amigo de infância africano que vivia em uma relação de fusão com a natureza e ignorava os preceitos de consumismo e materialidade: “*Ferdinand ne m’aime pas. Un jour, il m’a appelé ‘l’homme de bois’, comme son père, et il a parlé aussi de Vendredi, à cause de Denis.*” (LE CLÉZIO, 1985, p.35). Posteriormente, o próprio Alexis se comparará à figura de Crusoé, posto que já descobrira o que lhe traria a verdadeira felicidade: o retorno à natureza e a plena harmonização com ela:

Alors, je ne pense guère à l’or, je n’en ai plus l’envie. Ma batée est restée au bord du ruisseau, près de la source, et je cours la forêt en suivant Ouma. Mes vêtements sont déchirés par les branches, mes cheveux et ma barbe ont poussé comme ceux de Robinson. (LE CLÉZIO, 1985, p.365).

Outros mitos referentes à gênese humana também serão citados durante a narrativa, como o “Éden” e a “Idade de ouro”, fazendo alusão ao Boucan, sempre lembrado de maneira muito idealizada pelo herói: “*Pourquoi cherches-tu de l’or ici?’ Je voudrais lui parler de notre maison au Boucan, de notre jardin sans limites, de tout ce que nous avons perdu, puisque c’est cela que je cherche. Mais je ne sais pas le lui dire.[...]*” (LE CLÉZIO, 1985, p.268-269).

Ademais, Le Clézio ainda trabalha com a superação da realidade por meio da transcendência quando evoca para a narrativa os mitos bíblicos, a fim de ressaltar, também, a religiosidade como possibilidade de reconstrução e reagregação da essência humana:

Ce sont les histoires que Mam raconte, je n’en ai jamais entendu de plus belles, de plus drôles. Mais ce que j’aime vraiment beaucoup, c’est l’histoire sainte. C’est un gros livre relié de cuir rouge sombre, un vieux livre qui porte sur sa couverture un soleil d’or d’où jaillissent douze rayons. (LE CLÉZIO, 1985, p.30).

Em um primeiro momento, ressaltamos os mitos bíblicos do dilúvio, do êxodo e de Jonas, os quais estão, na obra, intimamente conectados, pois o ciclone que destruiu Boucan provocou a migração de Alexis e sua família para Forest Side, cidade interiorana, mas mais urbanizada: “*Je me souviens seulement de l’histoire du déluge, que Mam nous lisait dans le grand livre rouge, lorsque l’eau s’est abattue sur la terre et a recouvert jusqu’aux montagnes, et le grand bateau qu’avait construit Noé pour s’échapper,[...]*” (LE CLÉZIO, 1985, p.81). A partir disso, o protagonista se deparou com a violência, desigualdade e marginalização a que ele e sua família estavam submetidos, fazendo com que retomasse os valores de sua infância, ou seja, o desapego material: “*Chaque jour, je lui raconte la même histoire, celle du Boucan, où tout est éternellement jeune et beau, où brille le toit couleur d’azur. C’est un pays qui n’existe pas, il n’y a que pour nous trois qu’il existe.*” (LE CLÉZIO, 1985, p.358). Além disso, o calvário do herói para o encontro do “ouro” também é uma analogia ao mito grego de Jasão,

que narra a sua busca pelo “velocino de ouro”, mas, sem perceber que a procura da riqueza não era o primordial, Jasão padece e acaba morrendo:

Celles que je vois avec netteté, en me retournant, à la poupe du navire, si près de l'horizon que je n'ai qu'à baisser les yeux pour les suivre dans leur lent balancement, ce sont les étoiles qui dessinent la Croix du Sud. Je me souviens de la voix de mon père, lorsqu'il nous guidait à travers le jardin obscur, et nous demandait de la reconnaître, légère et fugitive au dessus de la ligne des collines. (LE CLÉZIO, 1985, p.134).

Toda a busca de Alexis e os mitos evocados durante sua trajetória culminam em uma última lenda, que funciona como um “prêmio” para aquele que redescobriu sua verdadeira identidade e essência. Aqui, Mananava, um lugar paradisíaco citado desde o início do romance, torna-se acessível ao protagonista somente no final de sua procura, pois é quando ele se mostra maduro a ponto de entender que o contato com a natureza e a vida selvagem preenchem o vazio do homem e o tornam mais livre. Assim, vemos a lenda de Mananava como um dos principais elementos que dão ao romance seu caráter circular, pois, ao desvendá-la no decorrer da narrativa, Alexis mostra que o seu crescimento esteve intimamente ligado à interpretação da lenda, ou seja, o protagonista só conseguiu encontrar o verdadeiro tesouro que procurava quando entendeu a importância da liberdade e da harmonia que Mananava propiciava: “*C'est à Mananava que je pense, à présent, le dernier endroit qui me reste. C'est en moi depuis si longtemps, depuis les jours où nous marchions, Denis et moi, jusqu'à l'entrée des gorges.*” (LE CLÉZIO, 1985, p.346),

Após analisarmos alguns dos significados que a simbologia mítico-lendária pretende abarcar na obra, conseguimos compreender que o diferencial da narrativa lecléziana é conseguir unir fatos da realidade empírica com aspectos do mundo mitológico e lendário e, mais do que isso: ao trazer esses elementos pertencentes ao universo da magia, o faz com tamanha maestria que permite a coexistência de diversas culturas em uma narrativa harmonicamente homogênea e intercultural. Assim, *Le chercheur d'or* aparece no cenário da literatura contemporânea como a mescla de um realismo de refração (PELLEGRINI, 2009) e de um romance que pretende mostrar a desagregação e a fragmentação do homem através de uma estrutura temática que permite ao leitor admitir com naturalidade a mistura de gêneros e histórias de diferentes origens.

Apesar da reflexão social sugerida pela obra tendo, para isso, eventos baseados na própria realidade, é importante que o leitor tenha consciência de que é uma obra de ficção, mas que deve ser lida como se fosse real. A participação de Alexis na Primeira Guerra Mundial ou o ciclone que destruiu Boucan, por exemplo, são fatos perfeitamente possíveis, mas que, na realidade, não aconteceram; nem por isso devem ser questionados pelo leitor. Como toda obra ficcional, *Le chercheur d'or* utiliza-se de uma veracidade referencial, já que é um recorte da realidade, mas os elementos fictícios são predominantes e, nesse caso, a relação entre verdade e mentira deve ser abolida, ou seja, a partir do pacto ficcional, a realidade do texto se torna plausível, suspendendo-se a descrença. Assim, a narrativa é apreendida como se fosse real pelo leitor, que passa a assumi-la como uma possibilidade de verdade. Na obra, Mananava aparece como um lugar de salvação, onde o protagonista consegue encontrar toda a plenitude e harmonia almejada pela humanidade. Ao inserir essa lenda na narrativa, Le Clézio não tinha como objetivo convencer o leitor de que esse lugar realmente existe e que é para ele que serão destinadas as pessoas que descobrirem o verdadeiro sentido da vida. *Le chercheur d'or*, assim como grande parte das narrativas ficcionais, passa a pertencer, portanto, a “[...] uma categoria conceitual de ficção, no sentido de histórias críveis que não tivessem a pretensão de serem tomadas por verdadeiras.” (GALLAGHER, 2009, p.633).

Nessas obras, a relação entre verdade e mentira dá lugar às categorias de possível e impossível e o intuito agora é encaixá-las dentre dos limites do possível, da verossimilhança. Para isso, a narrativa terá como pano de fundo a realidade empírica (Primeira Guerra Mundial, colonização), mas, de alguma forma, procurará superá-la. Aqui, Le Clézio tentará transcender a realidade através das lendas e mitos e, novamente, evocaremos a lenda de Mananava, pois é ela que, efetivamente, fará parte da “realidade” de Alexis. A inserção de algo mágico que simboliza, grosso modo, a salvação de toda a fragmentação do homem moderno e contemporâneo dá espaço à imaginação do leitor, tornando a literatura mais interativa: “[...] o romance fornecia aos leitores um espaço aparentemente livre, no qual se permitiam, por algum tempo, o jogo da imaginação. Como escreveu Coleridge no início do século XIX, a ficção solicita uma suspensão voluntária da incredulidade”, pois “[...] a incredulidade transformava-se em uma barreira capaz de evitar consequências perigosas aos prazeres da imaginação.” (GALLAGHER, 2009, p.642). Desse modo, a referencialidade da obra adquire maior plenitude, pois permite ao escritor incitar no leitor uma ilusão consciente, já que ele tem noção da suspensão da realidade, mas está disposto a encará-la como “real” ou ao menos como possível. Tal referencialidade ajuda a fazer da literatura algo mais abrangente, o que nos permite, no caso de *Le chercheur d’or*, ver o protagonista, inicialmente, como representante dos reprimidos e, depois, como representante da humanidade em geral:

O narrador tem a intenção de reivindicar maior humanidade e maiores ambições para esta nova forma, a qual pode tratar, em geral ou em particular, de uma classe inteira de pessoas exatamente porque nela os nomes próprios não se referem, de modo específico, a indivíduo algum. (GALLAGHER, 2009, p.636)

Ao discutir a questão do personagem fictício, Catherine Gallagher ressalta a importância do nome próprio, pois é a partir dele que se estabelece a relação entre o real e o ficcional. Nesse caso, o texto se refere a uma categoria de pessoas e não a um indivíduo específico. Assim, Alexis é um conjunto de caracteres que o remetem à espécie humana, mas ocorre a anulação da natureza ontológica da **pessoa** em prol da imposição da natureza ficcional da **personagem**. Ademais, a personagem promove a identificação com ninguém, já que ela não existe, de fato. Para Gallagher, isso ocorre porque a construção das personagens é baseada em um processo de seleção de elementos extratextuais e tal identificação ocorre, principalmente, com a personagem romanesca já que os elementos que a constituem são extraídos das camadas mais baixas da sociedade, ou seja, das pessoas “comuns”: “De mais a mais, diferente dos heróis trágicos ou lendários, as personagens do romance, em regra, eram pessoas comuns, ignoradas pela História.” (GALLAGHER, 2009, 646). Em *Le chercheur d’or*, temos uma história fictícia sobre a colonização narrada a partir da perspectiva do reprimido, do excluído, daquele que não tem prestígio social e econômico, o que facilita a identificação do leitor. Além disso, as dúvidas existenciais do protagonista, inerentes ao ser humano, aproximam-no do leitor uma vez que se trata de questionamentos que transcendem a classe social ou étnica a que Alexis pertence. Apesar da consciência da irrealidade da personagem, “[...] realçar-lhes a inexistência não nos dissuade de nos identificarmos com elas. Sabemos que não são reais, mas isso não torna as nossas sensações menos intensas.” (GALLAGHER, 2009, p.646).

Nesses termos, conseguimos compreender a identificação público-personagem a partir da ideia de semelhança entre os personagens fictícios e as pessoas reais, pois aqueles são construídos sob a sombra destes. Ludovic e Ferdinand (tio e primo de Alexis, respectivamente) são, no romance, representantes do “rolo compressor” que se tornou o capitalismo, cujo objetivo final é ganhar acima de qualquer coisa: “*Je le déteste, et je déteste*

aussi son père, l'oncle Ludovic, parce qu'il est grand et fort et qu'il parle haut, et qu'il nous regarde toujours avec ses yeux noirs ironiques[...]" (LE CLÉZIO, 1985, p.35). A caracterização feita por Alexis nos permite, facilmente, associá-los a pessoas do mundo real, pois, na lógica comercial e econômica em que vivemos, há várias pessoas cujos interesses financeiros são colocados acima dos humanos e culturais. Desse modo, apesar de termos a consciência da ficcionalidade de tais personagens, é quase automático que façamos uma conexão entre eles e o mundo real já que são logicamente possíveis. Por isso, o que se deve considerar é que "As personagens não são ontologicamente diferentes porque habitam mundos possíveis em vez de reais, são diferentes porque são 'construções da atividade textual'." (GALLAGHER, 2009, p.650)

Além da carga emotiva provocada no leitor derivada da aparente semelhança dos personagens de *Le chercheur d'or* com as pessoas pertencentes ao mundo real, é possível ainda dizer que ela é mais intensificada pelo tipo de narração: em primeira pessoa, com presença de monólogos interiores: "*Tant d'homme sont morts. Nous ne connaissons plus guère la peur. Nous sommes indifférents, comme dans un rêve. Nous sommes des survivants...*" (LE CLÉZIO, 1985, p.277). Tal recurso, característico do romance moderno, embaralha a totalidade da personagem e denota, novamente, a incompletude do homem moderno:

[...] a incompletude das personagens ficcionais pode não apenas conferir um sentido de plenitude ontológica à 'realidade' de quem lê, como também nos fazer pensar em nossa imanência corpórea à luz de sua possível ausência, instigando-nos, assim, a um desejo perturbador pela materialidade de nossa própria existência. (GALLAGHER, 2009, p.657).

Após essa reflexão acerca das relações entre ficção e realidade, concluímos que Le Clézio faz de *Le chercheur d'or* uma narrativa em que as linhas que separam realidade de ficção sejam extremamente tênues e sutis. O escritor consegue construir uma narrativa que emociona o leitor através da referencialidade ao mundo real (com fatos históricos, lugares existentes, personagens possíveis) ao mesmo tempo em que o leva para o mundo mágico das lendas e mitos, transformando-os em possibilidade de transcendência de um mundo que hostiliza a alma e a espiritualidade humanas, "coisificando" o homem e tornando-o, cada vez mais, o ser da dúvida, da culpa e da fragmentação. Ao fazer isso, Le Clézio revela uma crítica sutil à falta de interação e respeito entre os seres humanos e, a fim de sugerir uma solução para isso, promove um interculturalismo através da evocação de diferentes culturas em um mesmo romance.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ASSUNÇÃO, I. *Villa aurore, de Le Clézio: o conto da infância*. São Paulo, Ed. Mackenzie, 2012, p.3.

GALLAGHER, C. *Ficção*. **In: A cultura do romance, p.629-658**. MORETTI, F. (org.). São Paulo, Ed. Cozacaifly, 2009

LE CLÉZIO, J.M.-G. *Le chercheur d'or*. Paris: Gallimard, 1985.

MAGRIS, C. *O romance é concebível sem o mundo moderno?* **In: A cultura do romance, p.1015-1028**. MORETTI, F. (org.). São Paulo, Ed. Cozacaifly, 2009.

PELLEGRINI, T. *Realismo: a persistência de um mundo hostil*. **In: Revista Brasileira de Literatura Comparada, n. 14, p.11-35**. São Paulo, 2009.

PELLEGRINI, T. *Realismo: postura e método*. **In: Letras de Hoje, n.4, p.137-155**. Porto Alegre, 2007.